



WAGNER PITTELKOW

O MULTIPLICADOR DE MEMÓRIAS

A reportagem “Wagner Pittelkow: o multiplicador de memórias” é parte de uma série mais abrangente, “Santa Cruz de perfil” (de retratos diversos, com padres e educadores – professores e funcionários – da escola), que se propõe a reunir e recuperar a história do Colégio. Esta edição foi redigida por Nanci Pittelkow.

Setembro de 2021

Série “Santa Cruz de perfil”

Projeto Editorial:

Alejandro Miguelez
Fábio Marinho Aidar

Projeto Gráfico:

Fabiana Fernandes

**“Wagner Pittelkow:
o multiplicador de memórias”**

Redação:

Nanci Pittelkow

Revisão:

Hugo Almeida

Foto de capa:

Arquivo familiar

Diagramação:

Léo Yanaguihara

Impressão:

Aildo Carlos Oliveira Santos
Fredson Ribeiro de Sousa

WAGNER PITTELKOW

O MULTIPLICADOR DE MEMÓRIAS

Filho e irmão de funcionários, pai e irmão de ex-alunas, avô de alunos, Wagner Pittelkow dedicou 49 anos de sua vida ao Colégio Santa Cruz, 40 como titular da secretaria-geral. Acompanhou a gestão de três diretores gerais com fidelidade e zelo. Descrito como sério, mas acolhedor, refletiu a reconhecida exigência pedagógica da escola no ambiente de trabalho. Também identificava sonhos e incentivava o desenvolvimento dos colegas. Objetivo, organizado, dono de uma memória prodigiosa, encaixava no dia a dia espaço para alguma descontração e conversas sobre música, cinema, comida, política. E para contar histórias do passado...

Era 12 de janeiro de 1968, manhã de sexta-feira de um típico verão chuvoso. Wagner aguardava o ônibus em um ponto de Presidente Altino, bairro de Osasco, município da Grande São Paulo onde morava. Recém-completara 21 anos no mês de dezembro e se dirigia a uma entrevista de emprego no Colégio Santa Cruz. Nunca havia trabalhado em um ambiente escolar ou de escritório, apesar de trabalhar fora desde os 11 anos; trazia no currículo o curso primário completo (atual Fundamental 1), curso de datilografia incompleto, mais um ano de curso de Comércio.

Saltou do ônibus próximo à Estrada da Boiada, atual Avenida Diógenes Ribeiro de Lima, mas não sabia exatamente como chegar ao tradicional Colégio onde seu pai trabalhava. Foi caminhando e viu ao longe uma cesta de basquete. “Deve ser lá!”, pensou, andando naquela direção pelas ruas sem

asfalto que circundavam a escola. Chegou com os sapatos completamente enlameados e entrou pelos fundos, pela marcenaria, onde o pai, *seu* Herbert, atuava. Pediu um pano para limpar os calçados e Herbert o conduziu até a administração.

A entrevista com Nelson, o administrador, não durou mais de cinco minutos. A vaga era em substituição a um funcionário antigo, conhecido como Zezinho, para auxiliar na tesouraria, atender como telefonista quando necessário e executar alguns trabalhos no mimeógrafo, a máquina antecessora da fotocopadora.

Foi contratado para começar a trabalhar na segunda-feira seguinte, 15 de janeiro de 1968, data do aniversário do Padre Corbeil, diretor-geral do Colégio até 1992. E, também, aniversário de casamento de Fábio Aidar, que se tornaria diretor-geral em 2010. Foram cinco minutos de entrevista que se transformaram em quase 50 anos de dedicação ao Santa Cruz.

Acabou permanecendo por mais tempo do que o próprio pai, Herbert Pittelkow, que começara a trabalhar na marcenaria da escola em 1960 e só parou ao se aposentar, em 1993. “*Seu* Herbert era excepcionalmente legal e tinha muita consideração do Padre Corbeil”, afirma Francisco Peixoto, secretário-geral da escola até 1976.

Alemão de nascimento, Herbert chegara ao Brasil com um ano de idade, completado durante a viagem de navio. Tornara-se marceneiro trabalhando na Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, com sede em Campinas, e foi chamado para trabalhar no Santa Cruz pelo chefe da marcenaria naquele período, o também alemão Ricardo, que passou a liderança para ele quando se aposentou.

A marcenaria da escola fazia parte do “motor construtivo” imaginado pelo Padre Corbeil, e era responsável por móveis, portas e batentes, manutenções em geral e até substituição de vidros quebrados. Fazia chaves, afiava facas. Quem circula pela escola nos dias de hoje encontra trabalhos daquela época, como os lambris de madeira do saguão principal e, na primeira capela, bancos, altar e estações da Paixão de Cristo entalhadas uma a uma pelas mãos de *seu* Herbert. O trabalho em madeira extrapolou os limites

do Colégio e ainda hoje pode ser encontrado na casa de ex-diretores, ex-professores, famílias de ex-alunos, que naqueles primeiros anos de Santa Cruz podiam contratar a marcenaria da escola.

Apesar de todo o talento, o trabalho com madeira não teria sido uma escolha intencional de Herbert. “Ele queria ser mecânico, marcenaria não era a paixão dele. Tinha prazer pelo cálculo, pela matemática, tinha cabeça de engenheiro”, conta Marta Pittelkow, filha caçula e funcionária do Colégio de 1977 a 1985. A cabeça *exata* rendia cenas engraçadas. “Às vezes as funcionárias da manutenção vinham pedir alguma coisa, uma ripa de madeira ‘assim’”, estendendo a distância entre as palmas da mão. “Ele ficava louco, queria saber a medida certa”, Marta relembra.

Talvez por esse tipo de perfeccionismo ele combinasse com o espírito realizador de Padre Corbeil, que o chamava para participar das reuniões que tinha com o arquiteto Roberto Tibau, responsável por desenhar muitas das construções e soluções da escola. Um encontro produtivo entre a criatividade lírica do arquiteto, o empreendedorismo do diretor e o *pé no chão* de quem solucionava as questões do dia a dia, como *seu* Herbert.

A confiança entre os dois era recíproca. Herbert levou a planta da casa da família, construída em 1970, para que Padre Corbeil opinasse. Mais que isso, o padre pediu que um de seus amigos engenheiros avaliasse e assinasse o projeto para obter a autorização de construção na prefeitura. O terreno no bairro do Jaguaré também tinha relação com a Congregação de Santa Cruz, pois fora doado aos padres por uma ex-funcionária sem descendentes e depois vendido para a família Pittelkow.

O marceneiro Herbert transitava por todos os ambientes, profissional e amigavelmente. Juntamente com a convicção e seriedade com que opinava, espalhava pelos jardins e corredores do Colégio um sorriso aberto e generoso e conquistava até distantes alunos, ainda que por intermédio das netas que estudavam na escola. “Minha amizade com a família começou comigo indo muito com a cara do *seu* Herbert, que sempre cruzava com a gente no recreio, e sempre dava ‘oi’. Eu corria para dar ‘oi’ para ele”, conta Camila Miranda, aluna da turma de 1997 e colega da filha caçula de Wagner,

Fernanda. Já Arcílio Tavares, professor de Educação Física na escola por 28 anos, lembra que, primeiro, ficou amigo do *seu* Herbert. “Eu ia na casa dele, que tinha um barracão de marceneiro nos fundos; a gente conversava, tomava cerveja...”

Arcílio se tornaria também grande amigo de Wagner, que em 1970 passou a auxiliar Francisco Peixoto na secretaria-geral do Santa Cruz. “O Wagner seguia a linha de trabalho do *seu* Francisco, de forma muito séria, quase intransigente, refletida numa fisionomia que espantava”, recorda-se Flávio Berthola Facca, que começou como professor de Educação Física e se aposentou como vice-diretor-geral. “Não era fácil”, continua Facca, “tudo que era difícil nas outras secretarias ia parar na secretaria-geral. E o Padre Corbeil era muito exigente.” Francisco confirma, com bom humor. “Os maiores desafios na secretaria do Colégio eram dois: Padre Corbeil e Padre Charbonneau. Eles podiam ser assustadores para outras pessoas.”

O ano de 1970 ainda marcou Wagner pelas mortes de um tio, irmão de Herbert, que também trabalhava na marcenaria do Santa Cruz; do avô materno, em abril; e do avô paterno, em outubro. No meio disso tudo, uma felicidade: o casamento com Darcy, em julho, celebrado na capela da escola e comemorado no saguão da cantina do Ensino Médio. Algo que não acontece mais, outros funcionários também se casariam nos ambientes do Santa Cruz, como Marta, irmã do Wagner, a ex-diretora Malu Montoro e Marinez Cattell Alvez, orientadora do Ensino Fundamental 1, que se casou com um ex-aluno e era nora do tesoureiro Alceu.

Em 1976, Francisco Peixoto foi chamado para assumir seu cargo conquistado em um concurso público realizado anos antes e Wagner foi alçado a secretário-geral, posição na qual permaneceu até se aposentar. Uma das delicadas tarefas da secretaria-geral era manter a documentação dos professores atualizada em relação à exigência da licenciatura. “O Wagner sempre fez isso de forma tranquila e amigável, muito gentil”, relata Antonietta Scarabello, professora de Português do Ensino Médio por quase 35 anos. Apesar da gentileza, Wagner era reconhecido por seu rigor e persistência em obter os documentos pendentes. “Alguns professores

morriam de medo dele, até evitavam encontrá-lo em alguns momentos”, relembra Fábio Aidar.

A secretaria-geral concentra um processo administrativo interno, conectado com a burocracia estatal, que nem sempre é evidente para quem está na ponta do processo de ensino, diante da lousa ou estudando para as provas. Trata-se de um trabalho estrutural que demanda coordenadores, orientadores, diretores e funcionários que fazem girar a roda de notas e certificações, até que um formando tenha seu Histórico Escolar em mãos.

Antes da tecnologia da informação, então, o processo era todo físico, analógico e presencial. Para um estudante ser transferido de uma escola para outra, por exemplo, um funcionário deveria levar toda a documentação necessária, em papel, até a Diretoria de Ensino (órgão subordinado à Secretaria Estadual de Educação e que antigamente era chamado Delegacia de Ensino).

E nem sempre o ritmo da burocracia sincroniza com o ritmo de uma instituição como o Santa Cruz. Em 2002, que marcou os 50 anos da escola, Wagner trabalhava exaustivamente para que a inauguração do novo teatro e os eventos comemorativos saíssem conforme o programado. Em geral, saía de casa às 6 da manhã e só retornava após as 19 horas. Um dia, próximo à data da principal comemoração, o supervisor de ensino encostou-se no balcão da secretaria-geral para resolver questões rotineiras. Wagner o atendeu pacientemente, mas era interrompido a cada cinco minutos pelas assistentes. “Wagner, precisa resolver...” “Chefe, qual é a...” “Wagner, o professor Eduardo...” Depois de 30 minutos, o supervisor desistiu. “Vou deixar o senhor trabalhar e volto outro dia.”

Muitos desses procedimentos hoje são digitais, mas a transição exigiu paciência e tolerância.

“Quando vim trabalhar no Santa Cruz em 1994 os processos tecnológicos estavam no começo. E o Wagner era fiel depositário de toda história dessa escola, dos prontuários dos alunos aos documentos da secretaria-geral relativos à direção. Mexer com isso era mexer na intimidade do trabalho dele, e ele não ficou feliz com a minha presença”, conta Rogério Farias,

coordenador de TI. “Ele era difícil, mas doce. De um primeiro momento tenso, caminhamos para uma parceria”, completa. “Ele era muito organizado, tinha um monte de pastas, o arquivo dele era perfeito”, recorda-se Dauberson Luís Messias, hoje no departamento de compras.

Paradoxalmente, a necessidade da proximidade física com a chegada da tecnologia à Secretaria Geral trouxe ganhos humanos e históricos aos colegas de trabalho. Rogério ouviu muitos episódios, como quando Wagner por algum tempo foi responsável por datilografar as fichas bibliográficas dos livros que o vice-diretor do Colégio, Padre Eugênio Charbonneau, lia e estudava. Dauberson lembra-se do relato de como Wagner chegou pela primeira vez à escola, com os sapatos enlameados. “Conversávamos enquanto eu solucionava problemas técnicos. E ele corria me chamar para que a questão não chegasse ao professor Eduardo.”

O professor era Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães, o Eduardão, diretor-geral do Santa Cruz que sucedeu o Padre Lionel Corbeil, o fundador da escola, e o segundo a ser assessorado por Wagner.

A convivência com os diretores podia ser repleta de responsabilidades, mas havia espaço para alguma descontração. Com bastante frequência, quando estavam reunidos Wagner, Eduardão e Fábio Aidar, na época já na equipe de direção, surgia alguma frase na conversa que lembrava uma música da MPB. Todos eles eram, e são, grandes apreciadores de música, como fora Padre Corbeil. “Mas o Wagner era imbatível, conhecia todas! E acrescentava informações sobre o compositor e gravações existentes. Algumas vezes ele puxava uma que só ele conhecia e a apresentava para nós”, ressalta Fábio.

Esse era um hábito também na família. Muitas vezes a esposa, Darcy, e as filhas, Nanci e Fernanda, testemunharam essa brincadeira-desafio entre Wagner e Cesar Pittelkow, o irmão mais novo de Wagner, um apaixonado por música brasileira, que também trabalhou por alguns períodos no Santa Cruz.

Cesar começou como estagiário na secretaria-geral com *seu* Francisco, aos 17 anos, em 1973. A ideia era aprender uma rotina de trabalho de forma não remunerada enquanto não surgisse a oportunidade de um emprego. Mesmo assim, o administrador da escola fez questão de oferecer

uma remuneração, até que surgiu uma vaga no próprio Colégio. A titular da biblioteca se aposentou e sua substituta procurava um homem para a equipe, na época só mulheres. Essa oportunidade acabou influenciando toda a carreira de Cesar, que optou pelo curso superior de Biblioteconomia na Fundação de Sociologia e Política. Entre idas e vindas para prestar o serviço militar, trabalhou também na secretaria do Ensino Médio da escola e na tesouraria. Saiu em 1989 para assumir uma vaga na biblioteca central da Universidade de São Paulo, onde se aposentou em 2012.

Elisa dos Santos foi contratada em 2002, cuidando da limpeza na área da administração e, mesmo sem ter conhecido Cesar ou *seu* Herbert, ouviu falar que eram pessoas muito boas. “Como o Wagner, alguém muito prestativo, humilde, pontual, tinha muito respeito por todos”, conta. Uma vez, Elisa estava com um problema familiar, não podia ultrapassar seu horário para ir para casa e o diretor pediu, próximo ao fim do expediente, para ela limpar alguns livros em sua sala. “O Wagner falou que não, que eu precisava ir para casa porque minha mãe estava doente, que eu poderia fazer aquela limpeza outra hora.”

Pois o secretário também era em certa medida mediador e conselheiro junto aos diretores-gerais. Wagner esteve ao lado de Padre Corbeil desde que ocupou a secretaria-geral até 1992, quando assumiu Luiz Eduardo. Prosseguiu com Eduardo até 2010, quando este faleceu, e continuou com Fábio Aidar. O secretário foi muitas vezes visto como fiel escudeiro do primeiro diretor não religioso do Colégio. “Ele se antecipava aos problemas e sempre que possível os resolvia”, testemunha Malu Montoro, que foi professora e, também, membro da equipe de direção.

A cumplicidade entre secretário e diretor permitia o estabelecimento de rituais peculiares, como quando queriam resolver um assunto complexo, às vezes fruto de alguma pendência, e tratavam-se com cerimônia: “Pensando naquela pergunta que o *senhor* me fez ontem...”

A confiança mútua permitia um equilíbrio entre discordância, a troca de opiniões e a realização de tarefas. “O Wagner dava *dura* no Eduardão”, conta Kazuo Shiramizo, amigo e professor de Educação Física do Ensino

Médio. Muitos colegas testemunharam uma relação estreita tanto pessoal, como profissional.

“Tratavam de toda ordem de assuntos, mas Wagner era um consultor. Eduardo me falava que em alguns momentos a direção é um trabalho solitário e, sempre que necessário, eu deveria escutar o Wagner”, relata Fábio Aidar. Esse conselho foi enfatizado em uma situação delicada, quando o diretor Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães teve certeza de que não se recuperaria do câncer que tratava e insistiu em colocar tudo em ordem na vida pessoal e na escola, a despeito da resistência de colegas e companheiros em aceitar sua partida. “Eu queria adiar esse momento, mas Eduardo insistiu e a realidade se impôs.” Fábio lembra da derradeira reunião que fizeram: “A última fala dele foi, ‘quando você tiver dificuldades, escute o Wagner, ele é um grande conselheiro’”.

Como diretor, Fábio Aidar contou com o auxílio de Wagner na transição da direção e dispôs de seu conhecimento sobre a legislação escolar. Mas, anos antes, obtivera um bônus ao passar a figurar no quadro da administração em 1989: poder jogar no clássico do futebol Pó-de-arroz x Pó-de-terra.

“E eu tinha muita vontade de jogar, mas era um embate tradicional dos funcionários; professores não podiam participar. No dia em que fui chamado para a direção, o Wagner falou ‘agora você pode fazer parte do nosso time’. Tive a honra de jogar ao lado dele”, conta Fábio.

A tradição surgiu no último dia de 1968. Os funcionários trabalharam até as 12 horas e um pequeno grupo se reuniu para brindar o fim do ano – parte trabalhava nos escritórios, outro grupo atuava na manutenção, o que facilitou a divisão entre dois times de futebol de salão, sendo o “pessoal de dentro” contra o “pessoal de fora”. Resultado: 3 x 3. O jogo foi repetido no ano seguinte (1969), no campo de futebol do Fundamental, já com a rivalidade que o futebol enseja. Resultado: 4 x 4. Passou a ser repetido todos os anos, com presença de torcida, até que o Padre Corbeil (que torcia para os funcionários da manutenção) “batizou” a peleja como Pó-de-arroz x Pó-de-terra. O jogo foi incorporado às rotinas de comemorações da escola e passou a ocorrer no dia do almoço dos funcionários.

O futebol costuma ser uma paixão passada de pai para filho e, nesse caso, muitas vezes eles se encontraram no campo como adversários: Wagner comandando o Pó-de-arroz e seu Herbert – que quase se tornara profissional na juventude – muitas vezes à frente do Pó-de-terra. Apesar dos empates iniciais, o Pó-de-terra passou a levar vantagem nos placares.

Em um certo ano, antes do jogo entrar no calendário oficial, Wagner queria preparar uma surpresa para a equipe e arrecadou alguma verba entre os colegas sem dizer para quê. No dia do jogo, apareceu com uma camiseta especial para cada jogador, pintada à mão uma a uma por sua esposa, Darcy. O desenho (feito pelo professor Facca) era o de um jogador com saltos altos, bijuteria e maquiagem, incorporando a piada e o apelido do time do coração, São Paulo. A filha mais velha, Nanci, com seus 7 anos, vestia uma camiseta igual...

Kazuo conta que guardou a camiseta de recordação, ele mesmo tendo assumido o comando do time quando Wagner *pendurou as chuteiras*. O que demorou um pouco. “O Wagner falava ‘esse ano eu não vou jogar, não tenho condições’...; quando a gente via, lá estava ele, jogando”, relembra Arcílio Tavares, que costumava apitar os jogos. Wagner também integrava o time de professores e funcionários na Fufei (Futebol e feijoada), campeonato com times de alunos do Ensino Médio. “Seu estilo era meio *cavala*, ele às vezes arrumava encrenca com aluno”, diverte-se o amigo Facca.

De porte miúdo, Wagner não faz o tipo atlético, mas sempre se deu bem com a turma da Educação Física. “Quando marcávamos o churrasco de fim de ano da equipe, ele era o único convidado de fora”, recorda Facca.

Mas a história de Kazuo com Wagner e com a escola começou antes mesmo de ele se tornar professor. Em 1975 foi criada uma secretaria de curso para o Ensino Médio, na época chamado Colegial. Wagner assumiu a empreitada de organizar o departamento inexistente até aquele momento, e que atenderia todos os professores do curso e, também, os diretores, na

época o professor Isame Maeoca e o vice-diretor Luiz Eduardo Magalhães. Em 1976, com 16 anos, Kazuo Shiramizo foi contratado pelo Wagner, após cinco minutos de conversa, para auxiliar na nova secretaria, que também contava com outro assistente.

Depois de se formar no Ensino Médio e fazer cursos de datilografia e de trabalhos gráficos enquanto auxiliava na secretaria, chegara a hora de pensar em um curso superior. A primeira ideia de Kazuo foi tentar uma vaga em Engenharia, mas, entre conversas com Wagner e com professores da escola, acabou se formando em Educação Física em Jundiáí. Em 1985 começou a dar treinos de futebol para os alunos. “Pensei que eles poderiam achar estranho treinar com quem já era funcionário, mas tudo correu bem”, conta. Em 1989 já assumiu aulas de Educação Física. Pensando nos cinco minutos de entrevista iniciais, Kazuo reflete: “Se não fosse o Wagner, eu talvez não estivesse na escola hoje”.

Se na secretaria-geral o contato principal de Wagner era com os pais dos alunos, a do Ensino Médio proporcionava contato direto com os estudantes.

“Quando penso na secretaria da escola eu lembro da situação de ir com um grupo de colegas até o balcão com a seguinte proposta: ‘A gente tem que falar com o Wagner’. A gente chegava e ele estava lá, sentado, e quando olhava para nós ele dava um sorriso... e o sorriso dele dizia o seguinte: ‘Lá vem *pepino!*’. Aí, a gente punha todo mel do mundo na voz: ‘Wagner, você precisa ajudar a gente a resolver um tal problema XYZ...’ E ele era solidário para dar um jeito, mas sem nunca fazer algo errado, procurando os caminhos e mostrando como poderíamos ter feito.” Quem conta é a ex-aluna Ana Inoue, da primeira turma de meninas, formada em 1976. “Por isso, quando fizemos a lista de convidados para o nosso reencontro em 2016, o nome dele foi indicado por várias pessoas.” E Wagner compareceu.

Quem esteve presente nesse mesmo encontro de turma foi Jayme Serva. Ele relembra que os primeiros contatos com o Wagner não eram assim tão fáceis. “Ele era de poucos sorrisos, nos deixava um pouco intimidados. Depois se tornava afável, gentil. Tinha uma grande memória, sabia os nomes de 540 alunos de três turmas do colegial.” E as memórias de Jayme rimam

com as de Ana Inoue. “Ele era um funcionário com trato pedagógico, tinha um perfil educador com a molecada.”

Quem também estudou nessa primeira turma de meninas do Santa Cruz foi Marta Pittelkow, irmã caçula de Wagner. Como ela era boa aluna, Wagner sugeriu que fizesse o teste para entrar, e ela passou. No começo, ia muito bem nas matérias de humanas, mas sofria com as exatas. “Eu não gostava tanto de Matemática, Química. Mas percebi que, se me dedicasse bastante aos estudos, conseguiria passar. Terminei tirando B com a Lucy”, diz, referindo-se à professora de Química Lucy Sayão Wendel, sempre lembrada por seu alto grau de exigência acadêmica aliada à excelência como educadora. Marta também trabalhou no Colégio, na secretaria do Ensino Fundamental. Começou com meio período, mas logo precisou cobrir uma licença da titular, *dona* Magdalena, e passou para período integral. Permaneceu de março de 1977 até junho de 1985. Vez por outra era possível encontrar sua sobrinha Nanci, ao lado de amigas do Fundamental 2, no balcão da secretaria pedindo à Marta dicas literárias ou trocando ideias sobre feminismo.

Marta teve acesso à escola por meio do famoso exame de seleção, prova destinada aos candidatos ao Ensino Médio, processo que consumia todo ano muita dedicação de Wagner no Colégio Santa Cruz. Tudo começou com um pedido para que ele datilografasse uma das provas. Depois, datilografava todas. Foi então chamado para trabalhar na aplicação da prova, como fiscal. Depois, coordenava os procedimentos junto ao diretor, Isame Maeoca. Quando este saiu, Malu Montoro pediu que ele coordenasse o processo inteiramente. E ele passou a montar mais um time.

“No sábado vou precisar de você, tem uma coisa nova para fazer”, foi o que Wagner disse a Conrado Amoroso sobre a prova que ocorreria. “Eu pensei *meu Deus do céu*, o que será – fiquei até sem dormir”, relembra Conrado. No dia da prova, a missão seria retirar os nomes dos candidatos e numerar as provas para a correção anônima da redação... Tamanho zelo revela o grau da responsabilidade que envolvia todo o exame.

Wagner estabelecia uma base de confiança para que a equipe trabalhasse com tranquilidade. “Ele era insistente para explicar as regras, exaustivo

em repetir, apresentando todo cuidado com a segurança da prova e profissionalismo dignos de exames para cursos superiores. Esse aprendizado nós mantemos hoje”, confirma Edisleu Brito do Prado. Quando Wagner se aposentou, foi Eneida de Toledo Pereira que assumiu a coordenação do exame. “No início eu participava convocando a equipe de fiscais, mas comecei a propor ideias que ele acatou. Era tudo muito rigoroso.”

Eneida, Conrado e Edisleu, que também comandavam a secretaria do Ensino Médio, começaram a estabelecer um rito no dia do exame de seleção: entravam em contato com Wagner antes da prova para “pedir a bênção”, ou seja, se cumprimentavam e trocavam uma “boa sorte”. Mesmo após a aposentadoria de Eneida o rito continua.

A história de Eneida na escola começou em 1985, como inspetora de alunos. Ela conta que viu o anúncio no jornal no domingo, fez a entrevista na segunda-feira, começou na terça e pediu demissão na sexta. “Eu queria mais responsabilidades”, conta. Mas o diretor a convenceu a ficar e ela permaneceu por 35 anos, até se aposentar. Teve e ainda tem netos na escola. “Uma vez, Padre Charbonneau perguntou por que meus filhos não estudavam lá. Um não tinha mais idade e o outro não tinha perfil, mas eu sonhei em ter netos que estudassem no Santa Cruz.”

No fim dos anos 1980, Eneida coordenava uma ação social dos alunos do Ensino Médio na Vila das Belezas, para a realização de reforço escolar e distribuição de lanche. Nanci, filha do Wagner, e Rodrigo, futuro genro, estavam entre os participantes da ação.

“Eu saí melhor do que entrei. A oportunidade de participar de palestras, reuniões, cursos, eventos, fora a convivência com alunos e professores, tudo isso me trouxe um engrandecimento. Tenho pela escola um carinho muito grande”, reafirma Eneida.

O ambiente de conhecimento proporcionado por uma escola como o Santa Cruz não traz efeitos apenas para os alunos. Padre Corbeil e Padre Charbonneau sempre incentivaram o aprendizado dos que estavam próximos. Wagner, por exemplo, entrou com somente o primário (hoje, Fundamental 1) e chegou a concluir o curso superior em Administração de

Empresas. A filha de Wagner, Nanci, foi a primeira integrante da família a cursar uma universidade pública de ponta. Wagner sempre estimulou seus colegas e subordinados a persistirem no estudo, e não apenas como progressão de carreira, mas como realização de sonhos.

É o que ilustra Elisabeth de Lelis Barbi, que começou no Santa Cruz em 1981 quando era estudante de Pedagogia, mas em um trabalho voluntário, datilografando missas para o Padre Ricardo. Acabou sendo indicada para trabalhar na secretaria-geral. Ela tinha pavor do Padre Charbonneau, pois quem não estava habituado ao gênio explosivo do vice-diretor poderia se assustar um pouco. Com habilidade e bom humor, Wagner e o próprio padre conquistaram Beth, que começou a ajudar no fichamento de sua biblioteca pessoal. Mas a secretaria não era o seu lugar.

“O Wagner me escalou para trabalhar em um feriado e eu, jovem e petulante, tive um grande bate-boca com ele. Até que ele disse ‘está bem, eu vou trabalhar no feriado’. Depois disso bateu o remorso, eu chorava, ia trabalhar de óculos escuros... Uma vez eu falei que trabalhava ali porque precisava, não ia fazer cara de felicidade. Passou um tempo, ele veio falar comigo. ‘Você quer dar aula, né? Faz o seu currículo que eu vou entregar para a Marília.’ Marília Morello era a diretora do Fundamental. Hoje, eu sou professora por causa dele”, Beth conta e se emociona. Por essas coincidências do destino, logo depois a Fernanda, filha caçula do Wagner, foi aluna dela. E alguns anos depois, Beth também deu aula para o Yuri, neto mais velho do Wagner, no 5º ano.

O sério, pragmático e organizado secretário também tinha alguma intuição para incentivar e apoiar as pessoas. O olhar atento se estendeu até os alunos. Larissa Foronda, da turma de 1989, colega da Nanci, conta um desses episódios, quando pensou em mudar de escola depois de repetir o ano. “Eu já estava preparando os papéis para sair. Quando passei pela secretaria, o Wagner falou de um jeito muito carinhoso: ‘Você não vai sair, né? Você tem condição de continuar’... Eu tinha tido três irmãos mais velhos na escola, e com aquele comentário eu percebi, depois, que eu comecei a sair do olho do furacão; tinha alguém me vendo. A atuação da Katia (orientadora) e a

fala do Wagner foram muito importantes para a minha permanência.”

No gerenciamento da equipe, um dos casos é o de Séfora Comar Corrêa, contratada em 1996 como temporária para cobrir a licença maternidade de Ana Maria Marcondes. Wagner ficou na dúvida por ela ter filhos pequenos na época, mas não achou justo não oferecer a oportunidade. Séfora demonstrou confiança: “Vocês não vão se arrepender”. Dito e feito, ela permanece hoje como coordenadora da administração. Seus dois filhos estudaram na escola. “Tudo o que eu tenho na vida eu devo a ele, à contratação que ele fez. Ele abriu as portas para mim”, Séfora conta, com um largo sorriso.

Séfora, na administração, Ana Maria, hoje na secretaria do Fundamental 2, Fernanda Oliveira, hoje na secretaria do Ensino Médio, e Mônica Barberini, entre outras, fazem parte da equipe que compartilha memórias em comum. Além de se capacitarem para as tarefas e responsabilidades na secretaria escolar, vivenciaram os cuidados de Wagner no trato com todos, a lembrança do aniversário de cada uma, o presente em comum que compravam para o Wagner, também chamado *chefe* ou *Wagpit*, no seu aniversário que coincide com a data do Natal.

A trajetória de Mônica Barberini Ferreira é emblemática nesse contexto. Em 1992 ela era uma ex-bancária em busca de novos horizontes. Wagner hesitou em contratá-la pela falta de experiência no meio escolar, mesmo assim prosseguiu com a escolha. A convivência foi construída passo a passo. “Wagner é uma pessoa muito séria, que inspira respeito, e eu o chamava de *senhor*; mas logo ele me convenceu a chamá-lo por *você*”, ela recorda. O trabalho fluiu em harmonia e com confiança, até que, a partir de 2010, sem que a conversa sobre aposentadoria realmente acontecesse, o chefe começou a dar mais atribuições às subordinadas, especialmente à Mônica. “Uma vez ele me confessou, muito tempo antes de se aposentar: ‘Quem vai me substituir é a Mônica’.” Quem conta é o amigo Kazuo. “Ele tem esse *feeling*.”

Além de transmitir memórias e conhecimentos, Wagner primava pelo exemplo. “Quem trabalhava com ele conhecia os limites; tinha que andar na linha, fazer o correto, chegar na hora. Porque ele andava na linha, era o

cara do exemplo. O Wagner é história da escola, não faz parte, é”, afirma Beth Barbi.

Mas nem só de seriedade era construída a convivência.

“Eu chegava na porta da secretaria e via como estava o humor dele. Se estava bom, eu começava a brincar. Aí ele perguntava: *o que é, comeu palhacitos hoje?*”, Conrado conta rindo.

“A gente gostava de trocar receitas, especialmente de doces *diet*”, lembra Mônica.

“Com o exame de seleção em andamento e tudo em ordem, a gente parava um pouco no corredor para conversar. Ele falava dos pratos que fazia no fim de semana, estrogonofe, lagarto de panela...”, relata Eneida.

“Tínhamos muito em comum, pois éramos da mesma geração. Falávamos de música, cultura”, relembra Antonietta Scarabello.

“Ele gostava muito de fotografia, até me deu dois painéis de fotos que ele mesmo tirou e ampliou”, ilustra Francisco Peixoto, o antigo chefe.

As azaleias predominantemente cor-de-rosa dos jardins do Santa Cruz eram onipresentes. Certa vez, no auge da floração, Padre Charbonneau decidiu enviar algumas fotos dos jardins para seus parentes no Canadá e pediu para o Wagner tirá-las. Ele transferiu o pedido para a companheira Darcy, que também tinha feito o curso de fotografia como ele. As fotos fizeram sucesso no Canadá.

Charbonneau exercia grande influência sobre todos ao seu redor, e trabalhar perto dele também exercia algum fascínio. A família de Ernesto Lima Gonçalves era amiga e extremamente próxima do Padre Eugênio, como também era chamado, e a garota Tereza Gonçalves sempre ia encontrar seu “padrinho” na escola. Enquanto esperava, observava aquele rapaz trabalhando na secretaria. “Como eu vivia nesse mundo intelectual dos meus pais, do Padre Eugênio, a função do Wagner era uma função desejada por mim, alcançável e desejável, porque eu achava que seria incrível ser secretária do Charbonneau”, diverte-se.

Já a pequena Nanci, antes de se tornar aluna no Fundamental 1 em 1979, gostava de revidar as provocações do Padre Charbonneau quando se encontrava com seu pai na escola. “Baixinha!”, ele exclamava para ela. “Barrigudo!”, ela respondia. E ele ria...

Conviver naquele ambiente também era testemunhar o papel histórico da escola durante os anos de chumbo da ditadura civil-militar no Brasil, que durou de 1964 a 1985. Numa manhã de 2014, Wagner encontrou um envelope lacrado entre os documentos guardados do Padre Corbeil e levou o assunto para a reunião com o diretor Fábio Aidar. O material, em papel bastante envelhecido, trazia o título “Caso HB” e a orientação de que somente poderia ser aberto pelo Padre Corbeil, pelo Padre Paulo (Superior de Distrito), ou pelo Padre Charbonneau.

Diretor e secretário confabularam e Fábio chamou o Padre José Prado. Disse-lhe que ele seria a única pessoa com autoridade para abrir o documento, já que os demais indicados haviam falecido. Padre José, sempre atencioso e delicado, recebeu o envelope, agradeceu e voltou para sua residência. Fábio e Wagner remoeram a curiosidade, mas não ousaram perguntar qual seria o assunto. No dia seguinte, Padre José desvendou o mistério trazendo de volta o envelope, que permanece até hoje nos arquivos do Colégio: um documento histórico assinado pelo jurista Hélio Bicudo (1922-2018) relatando que vinha sendo ameaçado por sua atuação na denúncia dos “esquadrões da morte” e na defesa dos Direitos Humanos. Bicudo enviou cópias do seu relato para diversas entidades reconhecidas pela defesa da democracia, para serem abertos caso algo acontecesse com ele. O jornal *Folha de S. Paulo* publicou o caso em agosto de 2018.

“Esse documento é de grande importância, mostrando que estávamos na vanguarda nos momentos mais difíceis da ditadura, abrigando professores perseguidos, como Flávio Di Giorgi, Luiz Roncari. Somos uma escola de

ponta no sentido de resguardar a democracia. Nesse contexto, tive muitas conversas sobre política com Wagner, que sempre estava atualizado, preocupado com o Brasil, numa postura cidadã”, recorda Fábio.

A postura cidadã de Wagner está conectada com o compromisso de sempre buscar homenagear os colegas de trabalho, especialmente aqueles responsáveis, como ele mesmo diz, pelas “pequenas-grandes obras” no Colégio. Quando era convidado para fazer intenções nas missas comemorativas do Santa Cruz, citava os nomes de Isaura, Margarida, Natalino, Herbert, Esteves, Madalena, Mizael, Alceu... Funcionários como os que compareceram ao enterro de *seu* Herbert, levados pelo ônibus da escola, chegando solidários e emocionando a família presente.

Uma família que esteve nos quadros do Santa Cruz por muito tempo, como Herbert e Wagner; por algum tempo, como César e Marta; ou pontualmente, como Darcy. Que se sentou nos bancos da escola, como o próprio Wagner – quando tentou conciliar o trabalho e a conclusão do Ensino Médio. Que se formou no Colégio, como Marta, Nanci e Fernanda, como os netos Yuri e Clara. Que continua presente com o genro de Wagner e professor de Química do Ensino Médio Rodrigo Marchiori Liegel.

Não só a família Pittelkow, mas muitas famílias trabalharam na escola e continuam a atuar nela. Na administração, na manutenção e limpeza, entre os professores. O lado bom é a possibilidade multiplicada de transmitir os valores do Colégio Santa Cruz. Com a profissionalização do departamento de Recursos Humanos, as práticas evoluíram. “Quando não tínhamos um RH, as contratações muitas vezes vinham de indicação de familiares. Foi uma solução. Com a ampliação da escola e a modernização de procedimentos, pensamos em criar uma regra de impedimento de famílias, mas nos deparamos com muitas exceções; não faria sentido. A regra assumida é a da transparência. Então, avaliamos cada situação. Contamos por exemplo com irmãs que trabalham na limpeza, casais de professores que lecionam em cursos diferentes. Com o RH estruturado é mais fácil, e as indicações passam pelo processo estabelecido para a contratação. Temos o cuidado de avaliar e renovar quando preciso”, explica Fábio Aidar.

Já a regra de aposentadoria aos 70 anos foi estabelecida na gestão de Luiz Eduardo, mas a escola começa o processo de transição antes disso. No caso de Wagner, combinou com a vontade pessoal de diminuir o expediente e, a partir de 2011, ele começou a trabalhar por menos horas semanalmente e a transferir mais responsabilidades para as assistentes, o que permitiu uma transição segura. Ao final do processo, Mônica Barberini assumiu o novo cargo de coordenadora da secretaria-geral. O cargo de “secretário-geral” deixou de existir.

Durante esse período, em 2013, Wagner foi convidado para compartilhar e multiplicar memórias com os alunos do 2º ano do Ensino Fundamental, que estavam estudando a história do Colégio Santa Cruz. Visitaram espaços como o vitral na capela do Ensino Médio e a biblioteca, entre outros pontos relevantes, e realizaram pesquisas. Naquele momento Wagner trabalhara por mais de 40 anos e contou sobre lembranças, mudanças vividas e histórias de convivência com os padres Corbeil e Charbonneau.

No final de 2016 chegou o momento da aposentadoria definitiva. Apesar de toda a preparação, foi difícil não contar mais com uma rotina de trabalho depois de quase 50 anos de vínculo. Os convites para as festas dos funcionários amenizam a saudade e diversos diálogos e trocas continuam pelas redes sociais.

Muitos se lembram de seus primeiros contatos com Wagner com alguma nostalgia, mas cientes das necessárias mudanças e evoluções. “Foi um tempo muito especial. A escola cresceu muito, mas a essência permanece. Nesse sentido, o Wagner foi um belo professor, disponível, alegre, apesar de um pouco estressado pela grande responsabilidade. Sempre muito correto. Ensinou a mim, Mônica, Ana Maria... de acordo com os valores da escola”, resume Séfora Comar Corrêa.

E, numa segunda-feira, 23 de janeiro de 2017, às 18 horas, Wagner chega ao Colégio, passa na secretaria-geral para cumprimentar as colegas que encerram o expediente e se encaminha para o Teatro. Inaugurado 15 anos antes, o local já reúne muitos funcionários e professores. Um breve

e informal cerimônia se inicia e Fábio Aidar lê a placa comemorativa a ser entregue:

“Homenagem ao nosso Secretário-Geral Wagner Pittelkow, filho e irmão de funcionários, pai e irmão de ex-alunas, avô de alunos, pelos 49 anos dedicados ao Santa Cruz: uma vida inteira emprestada de empenho, cuidado, sensatez e cumplicidade, testemunhando três gestões diretivas e grande parte de nossa história, com o reconhecimento incondicional e o afeto agradecido do Colégio que tanto ajudou a construir.

Janeiro de 2017”

Então, Wagner sobe ao palco e lê sua mensagem de despedida:

“Foi num 12 de janeiro, uma sexta-feira, ano de 1968 que compareci ao Colégio Santa Cruz para uma entrevista de emprego. Embora meu pai trabalhasse aqui eu não sabia direito como chegar ao Colégio. O entorno do Colégio era de ruas sem asfalto e o mês era chuvoso. Vim de ônibus. Desci na Estrada da Boiada. Andei um pouco procurando encontrar o Colégio até que vi uma cesta de basquete; pensei, deve ser lá; então consegui chegar. Cheguei com os sapatos totalmente enlameados. Entrei pelos fundos, pela Carpintaria, onde meu pai trabalhava e pedi um pano e limpei meus sapatos. Daí meu pai me levou até a administração.

A entrevista foi com o Sr. Néelson, Administrador; não durou mais que cinco minutos e fui contratado para iniciar na segunda-feira seguinte, dia 15 de janeiro.

Não poderia imaginar que esses cinco minutos de entrevista transformar-se-iam em quase 50 anos de trabalho no Santa Cruz. Faltou um pouquinho.”

...

Série “Santa Cruz de Perfil”

Edições já publicadas:

Padre José Amaral de Almeida Prado: sacerdote da esperança, educador de minúcias
(setembro de 2015)

Padre Roberto Grandmaison: fermento na massa
(setembro de 2016)

Padre Paul-Eugène Charbonneau: o boxeador que ensinava a pensar
(setembro de 2017)

Padre Lourenço Roberge: razão, fé e sensibilidade
(setembro de 2018)

Padre Lionel Corbeil: pragmático sonhador
(novembro de 2019)

Prof. Luiz Eduardo Cerqueira Magalhães: o educador que inventou o futuro
(dezembro de 2020)

Profa. Lucy Sayão Wendel: química do caráter, pedagogia da persistência
(junho de 2021)

Wagner Pittelkow: o multiplicador de memórias
(setembro de 2021)



Colégio Santa Cruz

